

ESTATÍSTICA MENSAL DA PRODUÇÃO A PARTIR DE UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA (OUTUBRO DE 2014)

Com base na amostra representativa da IACA (novamente 20 empresas, o que significa que o peso da amostra é de cerca de 78% da produção associada, tendo sido ajustados todos os dados, inclusivamente desde 2012), constata-se que **em outubro de 2014** a produção se situou em 193 531 toneladas contra as 202 477 tons produzidas em outubro de 2013, o que representa, contrariamente ao mês anterior em que se registou uma relativa estabilidade, uma quebra de 4.4% comparativamente ao período homólogo. No entanto, quando analisamos estes elementos com maior detalhe, estamos na presença da terceira maior quebra anual, neste mês de outubro (depois de -6.6% em maio e -5.2% em agosto), mas a produção deste mês não deixa de ser a segunda maior do ano, depois do máximo de 196 957 tons registadas no passado mês de julho. O problema é que se a tendência de subida se manteve nos últimos anos (de setembro para outubro), este ano assistimos a um incremento de 4.7%, contra os crescimentos de 10.5% de 2013 e 18.6% de 2012.

Daqui se conclui pela relativa atipicidade do mercado, cada vez mais instável e imprevisível, ao mesmo tempo mais difícil - tendo em conta as dificuldades e perspectivas que se colocam à pecuária - sem esquecer naturalmente a situação dos mercados das principais matérias-primas e a concorrência do mercado nacional, infelizmente nem sempre leal e correta, que a IACA se tem encarregado de denunciar perante as autoridades oficiais (DGAV) e junto da Secretaria de Estado da Alimentação, como é do conhecimento dos nossos associados.

Trata-se de um trabalho que tem de ser mais intenso e efectuado em colaboração com a Indústria mas também com as autoridades e associações pecuárias para que se produza com Qualidade, confiança e credibilidade junto dos consumidores. Os produtores pecuários e os industriais não podem ignorar que quando acontece qualquer problema com um deles, é o trabalho de todos que são postos em causa e a imagem da produção animal em Portugal. O Projeto QUALIACA, que continuamos a analisar agora de uma forma tripartida, com a DGAV e a ACICO, é uma etapa importante mas há que fazer passar a mensagem junto dos criadores, para os riscos da utilização de substâncias ilegais e práticas danosas e prejudiciais para a saúde animal e humana. Todos somos corresponsáveis na cadeia alimentar. Esta tem de ser a orientação e temos de conseguir este objectivo, em colaboração com a DGAV e os nossos parceiros da Fileira Pecuária. Outra premissa que temos defendido, em Portugal e em Bruxelas, e que a FEFAC tem assumido na elaboração de qualquer legislação para o Setor, são as exigências das mesmas regras para autoprodutores e industriais de alimentos compostos para animais porque estão em causa regras básicas de higiene e de segurança alimentar.

A impunidade não tem de ser, não pode ser, a imagem do mercado nacional.

O slogan da IACA, Parceiros de Confiança, as mensagens e “luta” pela Qualidade, têm de ser consubstanciados no terreno, por todos os agentes da Fileira da Alimentação Animal e da Pecuária...

Pese embora estas considerações, e com o mesmo número de dias de fabrico (23), a conjuntura do mês de outubro ficou marcada por uma redução na produção de alimentos em todas as espécies: -7.4%, fundamentalmente ao nível dos frangos de carne, -2.4% nos bovinos, -1.1% nos suínos e -2.6% nos outros animais.

**Quadro 1 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos
(Amostra Representativa)**

	Toneladas		
	Outubro 2013	Outubro 2014	Variação (%)
AVES	95 402	88 347	-7.4
BOVINOS	44 969	43 913	-2.4
SUINOS	51 619	51 060	-1.1
OUTROS	10 487	10 211	-2.6
TOTAL	202 477	193 531	-4.4

Quadro 2 – Evolução da Produção de Janeiro a Dezembro

	Toneladas			
	2012	2013	2014	VAR%2014/13
JANEIRO	205 424	189 328	188 884	-0.2
FEVEREIRO	197 894	172 053	168 216	-2.2
MARÇO	211 698	183 095	179 531	-2.0
ABRIL	195 560	191 697	183 406	-4.3
MAIO	206 978	198 611	185 417	-6.6
JUNHO	190 426	175 204	179 621	2.5
JULHO	209 029	193 298	196 957	1.9
AGOSTO	206 848	192 228	182 264	-5.2
SETEMBRO	173 583	183 177	184 792	0.9
OUTUBRO	205 858	202 477	193 531	-4.4
NOVEMBRO	197 436	190 829		
DEZEMBRO	187 685	191 824		
TOTAL	2 388 419	2 263 821	1 842 619	-2.1

**Quadro 3 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos
(Valores Acumulados)**

	Toneladas		
	JAN-OUT 2013	JAN-OUT 2014	VAR %
AVES	915 550	860 997	-6.0
BOVINOS	402 173	411 479	2.3
SUINOS	445 087	459 161	3.2
OUTROS	118 358	110 982	-6.2
TOTAL	1 881 168	1 842 619	-2.1

Entretanto, ao nível da produção acumulada, temos agora uma redução de 2.1% no período de janeiro a outubro (-1.8% no mês anterior), devido à redução de 6.0% nos alimentos para aves e a uma contração de 6.2% nos alimentos para “outros animais”, não

compensadas pelas subidas de 2.3% nos alimentos para bovinos e de 3.2% nos suínos, com uma desaceleração evidente face ao mês passado, pese embora a tendência de subida de produção de alimentos compostos para animais já referida, de setembro para outubro. Infelizmente, pelas dificuldades do mercado e em particular no setor avícola, pelo peso que ocupa no panorama nacional, os próximos dois meses não serão suficientes para inverter a tendência que marcou o ano de 2014, o que significa que, a produção de alimentos compostos para animais vai registar uma quebra, consecutiva, desde 2008. Tal não significa que algumas empresas da amostra não apresentem níveis de produção mais elevados que os do ano anterior. De facto, temos 12 empresas, que representam 56.9% em 2014 (53.1% em 2013), com produções iguais ou superiores às do ano passado durante este período, assistindo-se naturalmente a uma maior concentração do mercado. No entanto, não deixa de ser preocupante o abrandamento da atividade económica desde março, confirmando-se a trajetória descendente em outubro.

Por outro lado, no que respeita ao chamado “*mercado livre*”, registou-se, em outubro, uma diminuição de 3.3%, (contra os -4.4% no mercado global) demonstrando, apesar das dificuldades e acentuada concorrência, que este segmento continua relativamente bem posicionado. A quota de mercado dentro da amostra recuou 0.1%, situando-se nos 39.2% em 2014. Em termos acumulados, o mercado livre apresentou, nestes 10 meses do ano em curso, uma diminuição de 2.2% (cerca de 16 300 tons) face à quebra de 2.1% do total da amostra.

Quadro 4 – Evolução da Produção Por Espécies

1000 TON

	AVES		BOVINOS		SUINOS		OUTROS	
	2013	2014	2013	2014	2013	2014	2013	2014
JANEIRO	87	83	41	45	48	49	14	13
FEVEREIRO	84	76	36	38	41	42	12	11
MARÇO	91	85	37	40	42	44	13	11
ABRIL	94	87	40	41	45	45	13	11
MAIO	97	90	42	39	46	45	13	11
JUNHO	87	86	37	39	40	44	10	11
JULHO	96	95	42	43	44	48	11	11
AGOSTO	95	87	41	41	44	45	11	10
SETEMBRO	88	85	41	42	44	47	10	11
OUTUBRO	95	88	45	44	52	51	10	10
NOVEMBRO	90		41		50		10	
DEZEMBRO	87		43		49		13	
TOTAL	1092	862	486	412	544	460	141	110

Nota: Valores não coincidentes com os quadros anteriores, devido aos arredondamentos

Relativamente aos mercados pecuários, na avicultura, os preços do frango apresentam cotações entre 0.85 e 1.10 €/kg de peso vivo nos mercados de referência, com tendência de subida em Dão-Lafões e estabilidade no Ribatejo e Oeste. Os ovos denotam atualmente tendência de subida, com as cotações situadas entre 0.98 e 1.05 €/dúzia. No peru, a tendência é agora de estabilidade, situando-se as cotações em 2.40 €/kg carcaça.

Na avicultura, os últimos dias ficaram marcados por alguns focos de gripe aviária no Reino Unido, Holanda e Alemanha, devido às aves selvagens, mas a situação está controlada, com as autoridades a tranquilizar os consumidores e a colocarem de parte eventuais “culpas” da alimentação, como alguns operadores referiram inicialmente. Ficam, no entanto, as preocupações e os cuidados a ter com este tipo de situações.

Nos **bovinos**, depois de uma tendência de quebra, regressou-se à estabilidade, com a Bolsa de 20 de novembro a apresentar cotações de 3.95 €/kg carcaça nos novilhos, 4.15 € nas vitelas e as novilhas 4.00 €/kg carcaça. Com 2.25 €/kg carcaça, as vacas para abate, foram a exceção e voltaram a baixar 0.05 €. Assistimos a um aumento dos abates, com descida no peso médio do total de animais abatidos, apesar da subida do peso de abate dos novilhos. No entanto, os comentários dos diferentes operadores referem que o escoamento dos animais produzidos internamente não apresenta dificuldades, com comentários de outras fontes a inferirem que existe uma relativa falta de animais no mercado. Se juntarmos a isto, as notícias dos mercados internacionais, é de esperar alguma subida de preços nas próximas semanas.

No **leite**, sente-se a apreensão pelo fim das quotas em 2015, a nova PAC e o impacto do embargo russo, para o qual os Estados-membros se não entendem quanto à atribuição de verbas no sentido de apoiar os produtores, com maior incidência nos países do Báltico. O contexto internacional não tem sido muito favorável, pelo que se os grandes exportadores não conseguirem exportar leite e laticínios para o mercado mundial, podemos assistir a excesso de oferta na Europa e sobretudo em Portugal. A Indústria comunga naturalmente destas preocupações, um verdadeiro desafio para uma parte importante do nosso tecido produtivo e da agroindústria que importa preservar, pelo Mundo Rural e pelo número de empresas e emprego que gere nas suas múltiplas vertentes.

Nos **suínos**, a tendência da Bolsa tem sido de estabilidade, depois de várias semanas em quebra acentuada, refletindo a situação do mercado europeu, a braços com os efeitos do embargo russo e para o qual a Comissão insiste em não tomar medidas, pese embora as pressões das organizações europeias. As expectativas são de equilíbrio (França foi exceção com descida de cotações) mas antes de janeiro não deverão ocorrer alterações significativas. Certo é que as descidas dos preços das matérias-primas não foi suficiente para conter as quebras dos preços na produção, com degradação de margens.

Partilhamos igualmente aqui da reflexão que os nossos colegas da FPAS fizeram na edição da sua Newsletter nº 281: a Dinamarca continua a crescer nos efetivos, depois da mesma tendência em Espanha e na Alemanha (principais produtores, também de alimentos compostos) e não nos deixamos de interrogar sobre o que se passa em Portugal, que não cresce e, o mais grave, não deixam crescer, estrangulam, por restrições e fundamentalismos levantados por algumas Câmaras Municipais e outras entidades, muitas vezes por perceções erradas do que pode ser a atividade.

Ainda no âmbito do Portugal AGRO, que decorreu de 20 a 23 de novembro, falávamos deste tema com alguns Diretores Regionais de Agricultura e para a cumplicidade que deve haver entre Ministérios (Agricultura, Ambiente e as diferentes Direções Gerais), Empresários e as Organizações que os representam, legitimamente, mas um dos problemas é o número excessivo de intervenientes nos processos de licenciamento.

Tal como a FPAS, esperemos que o próximo PDR 2020 e o Programa lançado pelos representantes dos suinicultores, bem como o Interprofissional (FILPORC), sejam

capazes de dar esperança e futuro ao Setor porque existe vontade de investir. Têm que existir instrumentos e políticas públicas mas também compromisso e vontade de os rentabilizar e prioridades. E pelo que sabemos, desta vez, a atividade pecuária faz parte dessas prioridades, o que naturalmente se saúda.

Ao nível das **matérias-primas**, voltamos à instabilidade e indefinição, com algumas subidas de preços nos cereais e oleaginosas e dificuldades no milho nacional, numa altura em que ainda está por colher cerca de 25% da área (sobretudo Ribatejo e Mondego), segundo as organizações dos produtores. Sem esquecer o problema estratégico da proteína e os preços dos aminoácidos, designadamente a metionina, uma questão que se prende com o funcionamento do mercado mundial.

Tudo isto numa altura em que se aguarda ainda a aprovação de 8 OGM para importação, processo que transitou para a atual Comissão, não sendo de esperar um desbloqueamento rápido deste processo. Esperemos apenas que esta situação, criada pelo Presidente Barroso, no seu final de Mandato, não restrinja e possa bloquear o fluxo normal de matérias-primas para a alimentação animal na União Europeia. Os alertas foram lançados por nós desde o passado mês de julho, enquanto IACA e nas reuniões em Bruxelas onde representamos a FEFAC e por todas as organizações europeias desde produtores, comerciantes e industriais da alimentação animal e das carnes.

Para falarmos dos mercados, perspetivas e expectativas, sustentabilidade, qualidade, volatilidade dos preços, gestão de risco e coberturas e de outras questões que se colocam ao futuro do Setor, estamos a organizar um Seminário em Lisboa, com a USSEC, que vai decorrer no próximo dia 11 de dezembro.

Os indicadores económicos, apesar dos esforços do BCE para estimular o crescimento na União Europeia (redução das taxas de juro e condições para aumentar a concessão de crédito), não são animadores e a conjuntura não é seguramente a melhor, sobretudo em Portugal, para a confiança dos investidores e consumidores.

Afigura-se um fim de ano complicado e muitas dificuldades para 2015, apelando, uma vez mais, à nossa capacidade de resiliência. Até quando?